

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.014

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹

Derli Juliano Neuenfeldt²
Leonardo Fernandes³
Jaqueline Luiza Klein⁴
Ângelo de Oliveira Peixe⁵

RESUMO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe práticas corporais de aventura como unidade temática para a Educação Física, a partir dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Esse trabalho teve como objetivo analisar, a partir da produção científica brasileira, como ocorre o ensino desta unidade temática, com foco nas práticas corporais desenvolvidas e nas dificuldades encontradas pelos professores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos resultados emergem de uma revisão de literatura realizada a partir de artigos científicos publicados nas bases de dados da CAPES, nos últimos sete anos, período de vigência da BNCC. Quanto às práticas desenvolvidas, constatou-se o ensino de *parkour*, arvorismo, *slackline*, montanhismo, caminhada/corrida de orientação, trilhas, *skate* e atividades adaptadas de acordo com as características de cada turma. Entre as dificuldades identificadas para o ensino das práticas corporais de aventura foram citados o uso de espaços físicos externos à

1 Esta pesquisa contou com apoio do CNPq e da Fapergs.

2 Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento. Professor do curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, derlijul@univates.br

3 Mestrando do PPGEnsino do Vale do Taquari - Univates, leonardo-fernandes01@educar.rs.gov.br

4 Graduada em Educação Física - Licenciatura pela Universidade do Vale do Taquari - Univates. Professora de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Arroio do Meio e Teutônia/RS, jaqueline.klein@universo.univates.br

5 Acadêmico do curso de Educação Física da Universidade do Vale do Taquari - Univates, angelo.peixe@universo.univates.br

escola, a falta de recursos financeiros para o transporte dos alunos a esses locais e a formação inadequada dos professores de Educação Física. Por outro lado, foram evidenciadas experiências de ensino que articulam aproximações com outras áreas de conhecimento, bem como a preocupação com que essa unidade temática seja desenvolvida também com alunos com deficiências. Conclui-se que os professores, apesar das dificuldades, estão buscando alternativas para contemplar essa unidade temática. Deixa-se como provocação que se debata o potencial da exploração de espaços não escolares para a formação ecológica dos alunos, principalmente, ao ensinar práticas corporais de aventura na natureza.

Palavras-chave: Práticas corporais de aventura; Educação Física Escolar; BNCC; Ensino.

INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar é componente curricular obrigatório da Educação Básica brasileira. Ao longo das últimas quatro décadas, passamos por redefinições em relação ao o que e a como ensinar. Até meados de 1980, o ensino foi norteador por bases epistemológicas oriundas da área biomédica, do treinamento esportivo, tendo como base metodológica, os princípios dos métodos ginásticos europeus.

Dessa forma, podemos destacar que, até 1940, o foco da Educação Física esteve na saúde e na aptidão física, fundamentada na tendência higienista, que olhava para o corpo como lugar de disciplinamento e de fortalecimento frente às inúmeras doenças ocasionadas pelo crescimento urbano desordenado. Também, por meio da vivência da ginástica, o corpo é compreendido como lugar de formação do caráter patriótico, no sentido de que a devoção pelo país poderia ser aprendida (Soares, 2013).

Após 1940, cresce o ensino dos esportes, influenciado diretamente pela expansão do esporte de rendimento no mundo, pela visibilidade que ele passa a ter, à medida que é transmitido pela TV a todo o planeta. Hitler, nas Olimpíadas sediadas na Alemanha, em 1936, fez muito bem o uso político do esporte na tentativa de mostrar a supremacia dos alemães. A partir desse momento, o esporte passa a ter lugar de destaque nas aulas de Educação Física, ou seja, começa-se a trabalhar mais habilidades motoras úteis à aprendizagem dos esportes. Esse crescente interesse pela busca por resultados positivos nas competições esportivas foi denominado por Ghiraldelli Júnior (2001) como a tendência competitiva da Educação Física. Portanto, tanto os métodos ginásticos quanto as bases do treinamento do esporte de rendimento são propostas de ensino das práticas corporais que não foram pensadas para a escola, ou seja, elas vêm de fora para dentro.

A partir de 1980, com a abertura política e a retomada da democracia, há também uma redefinição do lugar da Educação Física na escola. Almeja-se uma Educação Física Escolar atenta às necessidades dos alunos, que seja reconhecida pelas contribuições na formação, não só a física, mas também a integral. Ela reivindica o lugar de componente curricular. Nessa perspectiva, em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) trazem a Educação Física como um componente curricular que reconhece a cultura corporal de movimento, destacando o seu compromisso com o ensino, não apenas de esportes, mas

também de jogos, brincadeiras, lutas, dança, bem como com a abordagem de temas transversais, como saúde, sexualidade, trabalho e meio ambiente.

Mais recentemente, uma nova normativa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) propõe o ensino da Educação Física com foco em seis unidades temáticas: jogos e brincadeiras; ginásticas; lutas; esportes; dança e esporte de aventura. Cabe destacar que é a primeira vez que as práticas corporais de aventura aparecem como unidade temática a ser ensinada obrigatoriamente na Educação Física. Esse eixo temático se refere a atividades que envolvem a exploração de ambientes naturais e desafiadores, a fim de promover a interação entre o corpo, a natureza e os elementos presentes nesse ambiente.

As práticas corporais de aventura incluem tanto atividades na natureza, quanto atividades no meio urbano, que permitem aos estudantes vivenciarem situações que exigem superação de desafios, tomada de decisões, trabalho em equipe e o desenvolvimento de habilidades motoras específicas. A BNCC propõe que as práticas corporais de aventura urbanas sejam ensinadas no 6º e no 7º ano, enquanto as práticas corporais de aventura na natureza sejam objeto de ensino no 8º e no 9º ano. As práticas de aventura na natureza incluem corrida orientada, corrida de aventura, corridas de *mountain bike*, rapel, tirolesa, arvorismo, etc., enquanto as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento”, como, por exemplo, as práticas de *parkour*, *skate*, patins, *bike*, etc. (Brasil, 2017).

Contudo, as práticas corporais de aventura, que passaram a compor o currículo da Educação Física, não fizeram parte da formação inicial e são pouco lembradas na formação continuada dos professores de Educação Física, conforme foi evidenciado por Sehn e Neuenfeldt (2022), em pesquisa realizada em 2020, que também apontou a preocupação dos docentes com a segurança dos alunos, principalmente, devido aos riscos à integridade física. Ou seja, a BNCC exige o ensino de práticas corporais de aventura urbanas e na natureza, mas os professores sentem-se inseguros para ensiná-las.

Esse contexto nos mobilizou, enquanto pesquisadores, a investigar publicações científicas que tratassem desse tema no contexto brasileiro. Portanto, esse trabalho teve por objetivo analisar, a partir da produção científica brasileira, como se dá o ensino da unidade temática práticas corporais de aventura, com foco nas práticas corporais desenvolvidas. Logo, esse capítulo de livro sistematiza e compartilha as experiências pedagógicas que estão sendo desenvolvidas no ensino de práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar, com o

intuito de contribuir com os professores de Educação Física para poderem buscar subsídios para ensiná-las.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994). Para reunir informações e, posteriormente, analisar o que está sendo desenvolvido na Educação Física Escolar acerca da temática “práticas corporais de aventura”, principal objeto de investigação do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a qual, de acordo com Gil (2008), tem como característica principal a utilização de livros e artigos científicos produzidos sobre uma temática investigada, para que constituam novos estudos. Além disso, este tipo de pesquisa se justifica por “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2008, p. 50).

A pesquisa seguiu as etapas da pesquisa bibliográfica descritas por Gil (2008). A primeira consistiu na formulação do problema, já previamente apresentado na introdução do capítulo, bem como na justificativa da relevância da temática. Na sequência, foram buscados artigos científicos nos periódicos da CAPES⁶, dos últimos sete anos, compreendendo o período entre 2018 (a BNCC foi homologada no final de 2017) e presente ano (2024). Os descritores utilizados na busca avançada da CAPES e que possibilitam o cruzamento dos termos foram: “Educação Física Escolar” e “Práticas corporais de aventura”.

Nessa busca, foram identificados 29 artigos. Na etapa seguinte, lemos os resumos e estabelecemos como critérios de seleção, artigos escritos em Português e que estivessem disponibilizados de forma gratuita nas plataformas digitais e artigos que abordassem diretamente o ensino das práticas de aventura nas escolas, a partir de pesquisas que tratavam da realidade escolar. Dessa forma, foram excluídos artigos de revisão, artigos que não tivessem acesso livre, artigos repetidos ou que não investigassem ou tratassem do ensino da Educação Física Escolar. Dentre os 29 artigos encontrados na primeira busca, após a seleção a partir dos critérios de inclusão/exclusão, foram selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, 11 artigos científicos, conforme o quadro abaixo, que

⁶ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez316.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html>

apresenta o título, os autores, o nome do periódico científico e características dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Artigos selecionados para o estudo:

Autores	Título do artigo	Periódico	Participantes
Santos e Rosa (2020)	Práticas corporais de aventura: O arborismo na educação física escolar	Debates em Educação	9º ano do Ensino Fundamental
Sena e Lemos (2020)	Parkour: propostas de aulas na educação física escolar	Caderno de Educação Física e Esporte	9º ano do Ensino Fundamental
França e Domingues (2023)	Possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar	Motrivivência (UFSC)	5º ano do Ensino Fundamental
Possamai <i>et al.</i> (2021)	As práticas corporais de aventura nas aulas de educação física durante o ensino remoto: planejando o movimentar-se com a prancha de equilíbrio	Caderno de Educação Física e Esporte	9º ano do Ensino Fundamental
Luz e Oliveira (2021)	Orientação: um tesouro pedagógico das práticas corporais de aventura	Caderno de Educação Física e Esporte	5º ano do Ensino Fundamental
Santiago <i>et al.</i> (2019)	O voo livre como conteúdo na educação física na Educação Infantil: Descobertas e desafios	Unoeste	Educação infantil
Nunes; Camargo e Vendruscolo (2022)	A orientação como proposta pedagógica nas aulas de Educação Física: um relato de experiência	MOTRIVIVÊNCIA	5º ano do Ensino Fundamental
Oliveira <i>et al.</i> (2023)	<i>Openorienteeing</i> como ferramenta na corrida de orientação nas aulas de educação física	Revista Foco	8º e 9º anos do Ensino Fundamental
Inácio; Sousa e Machado (2020)	A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório	Motrivivência (UFSC)	Professores de Educação Básica

Autores	Título do artigo	Periódico	Participantes
Porretti; Pessoa e De Assis (2020)	Montanhismo: um relato de experiência da interdisciplinaridade entre educação física e geografia	Caderno de Educação Física e Esporte	1.º ano do Curso Técnico, Integrado ao Ensino Médio
Paula e Kochhann (2020)	Práticas corporais de aventura na educação física escolar e a inclusão da criança com deficiência	Olhar de Professor	Crianças com deficiência do 3º, 5º e 6º ano do Ensino Fundamental

Na etapa subsequente da pesquisa, foi realizada a leitura dos artigos na íntegra (Gil, 2008), a fim de compreender o que cada artigo propunha, destacando os objetivos, a metodologia e os principais resultados. Após, descrevemos cada um dos estudos e, como plano de trabalho (Gil, 2008), propusemos uma reflexão sobre o que estava sendo feito nas escolas, destacando três categorias: a primeira apresenta as principais práticas corporais de aventura que estão sendo desenvolvidas nas escolas; a segunda trata de possibilidades interdisciplinares que podem originar-se do ensino dessa unidade temática; a terceira aborda a preocupação com a inclusão dos alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos apresentando uma síntese de cada artigo. A pesquisa de Santos e Rosa (2023), intitulada “Práticas corporais de aventura: arborismo na Educação Física escolar”, teve como objetivo investigar a incorporação do arborismo como prática corporal de aventura na Educação Física Escolar, visando estimular a participação dos alunos e promover o desenvolvimento de habilidades físicas e emocionais. A metodologia adotada foi a pesquisa participante, que envolveu a interação entre os pesquisadores e os membros da situação investigada, neste caso, os alunos e professores do Centro de Excelência Professora Maria Ivanda de Carvalho Nascimento, Aracaju/Sergipe. Para coletar os dados, foram utilizados registros em diário de campo, entrevistas e questionários, que permitiram uma análise aprofundada dos significados e das relações presentes no contexto da prática do arborismo na escola.

Os resultados da pesquisa de Santos e Rosa (2023) revelaram uma evolução significativa na identificação e na compreensão das práticas corporais de aventura pelos alunos. Durante as aulas de arborismo, os estudantes puderam interagir com a natureza, desenvolver habilidades de superação de desafios e

fortalecer a confiança em si mesmos e nos colegas. Além disso, a abordagem inovadora do arvorismo na Educação Física escolar despertou o interesse dos alunos, proporcionando uma experiência educativa enriquecedora e diferenciada. O estudo evidenciou a importância de incluir práticas de aventura na natureza no currículo escolar, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

O objetivo do artigo de Sena e Lemos (2020) foi investigar o impacto das aulas de *parkour* na aprendizagem dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, promovendo diversas perspectivas de aprendizagens motoras, cognitivas, afetivas, culturais, sociais e emocionais. A metodologia utilizada envolveu a observação participante, com os pesquisadores atuando diretamente nas intervenções e no desenvolvimento das aulas, buscando o envolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem. Foram elaborados seis planos de aulas sistematizadas e adequadas à faixa etária dos alunos, com o intuito de promover o aprendizado de forma lúdica e criativa, utilizando poucos materiais e um espaço não delimitado.

Os resultados demonstraram a participação, o entusiasmo e o empenho dos estudantes na aprendizagem dos movimentos e das habilidades motoras básicas do *Parkour*, o que evidencia a relevância das atividades propostas para o desenvolvimento integral dos alunos.

França e Domingues (2023) investigaram possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física Escolar, com o intuito de compreender como essas atividades podem promover uma relação mais crítica, democrática e transformadora entre os alunos e o ambiente natural. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo qualitativo, utilizando como técnicas de coleta de dados, questionários semiabertos, relatos das aulas e diário de campo. A análise dos dados foi pautada na identificação de categorias de análise que representassem os fenômenos percebidos a partir da vivência com as práticas corporais de aventura. Foram realizadas algumas práticas de *slackline*, *arvorismo*, *parkour* e *skate*.

Os resultados da pesquisa revelaram que as práticas corporais de aventura oportunizaram aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos prévios, a participação ativa dos estudantes, a integração da educação ambiental nas aulas de Educação Física, a promoção da interdisciplinaridade e a exploração dos limites e das possibilidades dessas atividades. A análise dos dados evidenciou a importância dessas práticas para o engajamento dos alunos e a construção de uma

relação mais significativa com o meio ambiente e com as diferentes disciplinas escolares (França; Domingues, 2023).

O objetivo do artigo de Possamani *et al.* (2021) foi descrever a proposta de intervenção elaborada para o ensino das Práticas Corporais de Aventura, com foco no equilíbrio, durante o período do ensino remoto emergencial, para duas turmas do nono ano do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC). A metodologia adotada envolveu a análise do Projeto Político Pedagógico da escola, o contato com as turmas de nono ano, a colaboração da professora da escola, além de considerar a proposta curricular do município de Florianópolis e a Base Nacional Comum Curricular. Foram desenvolvidas práticas corporais de aventura, com foco específico na construção e na experimentação de uma prancha de equilíbrio. Destacou-se a importância de atividades que envolvem o equilíbrio, a respiração, a concentração, a força e a ativação do core, que é um grupo muscular essencial para o equilíbrio corporal. A experiência foi vivenciada no estágio supervisionado em Educação Física, no formato remoto emergencial, com a utilização de recursos educacionais digitais para a elaboração do planejamento de intervenção.

Os resultados obtidos destacam a importância do planejamento prévio e da vinculação com o Projeto Político Pedagógico da escola, a Proposta Curricular do município de Florianópolis e a Base Nacional Comum Curricular. A proposta de trabalho com as Práticas Corporais de Aventura proporcionou um olhar atento para o equilíbrio, visando ao desenvolvimento da autonomia e da criatividade e à resolução de problemas cotidianos dos estudantes, em um contexto interdisciplinar e contextualizado.

O objetivo do artigo de Santiago *et al.* (2019) foi relatar a experiência de ensino das práticas corporais de aventura, especificamente o voo livre, na Educação Infantil, com a intenção de promover vivências e reflexões sobre seus sentidos e significados. A metodologia utilizada consistiu em organizar sistematicamente as aulas, em três momentos: introdução do tema, desenvolvimento das atividades e avaliação/reflexão sobre as experiências realizadas. Foram realizadas práticas como contação de histórias, atividades de equilíbrio, vivências de altura e vertigem, construção de miniparapentes, entre outras, visando ampliar as possibilidades curriculares e valorizar as experiências das crianças.

Os resultados demonstraram que a abordagem do voo livre na Educação Infantil foi desafiadora, porém, enriquecedora, pois proporcionou aprendizado e vivências significativas tanto para os professores quanto para os alunos, que

puderam explorar conceitos relacionados ao voo e desenvolver habilidades motoras e cognitivas de forma lúdica e integrada (Santiago *et al.*, 2019).

O artigo de Nunes, Camargo e Vendruscolo (2022) descreve uma proposta pedagógica com foco no conteúdo Orientação nas aulas de Educação Física, buscando responder à problemática de como utilizar a Orientação como proposta pedagógica. A metodologia adotada foi qualitativa e descritiva, caracterizada como relato de experiência. Foram ministradas seis aulas de 55 minutos cada, com 26 educandos com idades entre nove e dez anos, do quinto ano do Ensino Fundamental, em uma escola da Rede Municipal de Curitiba, Paraná. A prática da Orientação foi introduzida de forma contextualizada, utilizando recursos didáticos como o laboratório de informática, para facilitar a compreensão dos educandos.

Quanto aos resultados obtidos com a implementação da proposta pedagógica de Orientação nas aulas de Educação Física, foram mencionados o êxito dos educandos na leitura de mapas; a aquisição de novos saberes por meio da construção coletiva; a ampliação do repertório de movimentos; experiências de cooperação e de cuidado com o outro. Os educandos demonstraram destreza na utilização do mapa e cooperaram entre eles para atingir os objetivos propostos, bem como conseguiram adaptar-se à prática corporal de aventura, apesar das limitações (Nunes; Camargo; Vendruscolo, 2022).

O artigo de Oliveira *et al.* (2023) teve como objetivo discutir o uso do *OpenOrienteering* como ferramenta para auxiliar na produção de atividades de corrida de orientação voltadas para o Ensino Fundamental. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica de artigos, livros, dissertações e textos documentais, com base na BNCC, realizada no período entre 2022 e 2023, durante o Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais em Educação. A busca dos dados foi realizada em bases como o *Google Acadêmico*, *SciELO* e repositório de teses da Plataforma CAPES, com palavras-chave específicas. Os resultados evidenciaram a importância da inclusão da corrida de orientação nas aulas de Educação Física, utilizando o *OpenOrienteering* como uma ferramenta inovadora para o desenvolvimento dos alunos.

No artigo citado acima, foram realizadas práticas como a análise e a categorização dos achados em dois temas principais: a corrida de orientação como prática corporal de aventura e as tecnologias digitais na educação. Além disso, o *OpenOrienteering* foi explorado como ferramenta para a criação do mapa de orientação na corrida de orientação, para demonstrar como a integração da tec-

nologia pode enriquecer a experiência dos alunos durante as aulas de Educação Física.

O objetivo do artigo de Inácio, Sousa e Machado (2020) foi investigar a presença e a abordagem das práticas corporais de aventura nas escolas públicas da região metropolitana de Goiânia, bem como identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores na implementação desse conteúdo em suas aulas. A metodologia utilizada foi qualitativa, baseada na análise de questionários aplicados a professores de Educação Física que atuam nessas escolas. Os dados coletados foram tratados estatisticamente por meio da plataforma *Excel* e, posteriormente, analisados criticamente, cruzando as informações obtidas com as referências teóricas utilizadas no estudo.

Os resultados do artigo citado acima revelaram que a falta de acesso ao conteúdo durante a graduação foi apontada, entre os professores não atuantes, como um obstáculo significativo para a inclusão das práticas corporais de aventura nas aulas. Dos participantes, 12 tiveram acesso ao conteúdo durante a graduação, 6 durante a pós-graduação e 30 não tiveram acesso algum, o que indica a necessidade de formação acadêmica e contínua que proporcione aos professores acesso a novos conhecimentos no campo da Educação Física.

O artigo de Pessoa, Porretti e De Assis (2020) traz a experiência de uma proposta pedagógica interdisciplinar na prática corporal de aventura de montanhismo, no CEFET/RJ, *Campus* Petrópolis. A metodologia adotada foi a qualitativa e a descritiva, sendo debatidas as atividades interdisciplinares realizadas no projeto de extensão Expedições do CEFET/RJ, com a participação de alunos do Ensino Médio e graduandos em Turismo. Foram realizadas diversas práticas, como trilhas para o morro Meu Castelo, para a Pedra do Quitandinha, a Travessia Cobiçado-Ventania, a Travessia Uricanal, a Travessia Petrópolis-Teresópolis e o Caminho do Ouro, abordando temas como frequência cardiorrespiratória, percepção de esforço, recreação e lazer, turismo de aventura, entre outros.

Os resultados obtidos com essas atividades incluíram a integração de conhecimentos de Educação Física e Geografia, que promoveram a compreensão dos alunos acerca da relação entre sociedade, natureza e saúde, além de estimular a educação ambiental, a interpretação ambiental e a preservação da natureza (Pessoa; Porretti; De Assis, 2020).

O artigo de Paula e Kochhann (2020) discutiu a inclusão da criança com deficiência na Educação Física Escolar, por meio de práticas corporais de aventura. O estudo compartilha vivências de três educandos com deficiência em uma

escola da rede municipal de ensino de Anápolis-Goiás, destacando a inclusão e o respeito às necessidades especiais desses alunos. Dois alunos foram diagnosticados com deficiência visual e um, com deficiência intelectual.

A metodologia utilizada consistiu num estudo descritivo, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa. Foram realizados momentos vivenciais de práticas de aventura numa cama elástica, além da utilização de fotografias e desenho infantil para a análise dos dados. Os resultados apontam que os três estudantes com deficiência tiveram novas experiências corporais, sendo incluídos e tendo suas necessidades especiais respeitadas durante as atividades de Educação Física. Através das práticas corporais de aventura, foi possível proporcionar novos movimentos e aprendizagens para as crianças com deficiência, contribuindo para a promoção da inclusão e do desenvolvimento integral desses alunos dentro do ambiente escolar (Paula; Kochhann, 2020).

A partir dos estudos acima mencionados, na sequência, discutiremos três categorias que emergiram da análise dos estudos.

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: O QUE ESTÁ SENDO DESENVOLVIDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR?

Em relação às práticas corporais de aventura, identificamos que as principais que estão sendo desenvolvidas são: *parkour*, arvorismo, *slackline*, montanhismo, caminhada/corrida de orientação, trilhas, *skate* e atividades adaptadas de acordo com a disponibilidade de espaço físico, equipamentos e as características de cada turma, tais como voo livre e uso de cama elástica. As atividades se fazem presentes da Educação Infantil ao Ensino Médio, ou seja, em toda a Educação Básica. Também se identifica o predomínio de práticas corporais de aventura na natureza em relação às urbanas.

Entre as dificuldades identificadas para o ensino das práticas corporais de aventura está o uso de espaços físicos externos à escola e a falta de recursos financeiros para o transporte dos alunos. Também são mencionadas preocupações com a segurança dos alunos e a ausência de ambientes adequados. Essas dificuldades limitam as possibilidades de proporcionar práticas corporais de aventura diversificadas, bem como o potencial formativo dessas práticas, especialmente, em termos de promoção de uma maior conexão dos alunos com a natureza e espaços da cidade.

Além disso, a formação dos professores de Educação Física para o ensino de práticas corporais de aventura (Sousa; Machado, 2020) é outro ponto que precisa ser revisto. Muitos docentes sentem-se inseguros para ensinar essas atividades, devido à falta de formação específica, tanto na graduação, quanto na formação continuada. Essa evidência nos leva a destacar a necessidade de um investimento maior na formação de professores de Educação Física, para que eles possam ensinar as práticas corporais de aventura.

A preocupação com essa unidade de ensino, conforme Portela (2020), toca em questões que dizem respeito à formação dos professores, às condições materiais e equipamentos adequados, ao levantamento de locais para realizar as práticas corporais de forma segura e à necessidade de um trabalho que se preocupe com a conscientização da preservação do meio ambiente. Além disso, ressalta-se que toda saída de alunos do espaço escolar exige planejamento para evitar acidentes. Como a escola é responsável pelo cuidado de cada aluno, muitas vezes, essa preocupação com o ambiente externo ao escolar pode inibir saídas, visitas e o uso de espaços da cidade.

A pesquisa realizada por Sehn e Neuenfeldt (2022) com professores que atuam na rede municipal de ensino de um município do Vale do Taquari - RS/BR também identificou a preocupação dos docentes com a segurança dos alunos, principalmente, devido aos riscos à integridade física e à falta de formação adequada para trabalhar com essa unidade temática. Como forma de atender essa unidade temática, os professores realizam principalmente caminhadas, trilhas, passeios, bem como adaptam as práticas para realizá-las no espaço escolar. O estudo também identificou que o município possui espaços como praças, áreas verdes, que podem ser utilizadas. Nesse sentido, os autores defendem que:

Tanto as Práticas Corporais de Aventura na escola quanto fora dela são importantes. Os espaços externos à escola possibilitam um redimensionamento do olhar para praças e para a natureza; a adaptação para o contexto escolar possibilita ressignificar essas práticas no contexto escolar e isso evita que essas aulas se tornem esporádicas devido às dificuldades ou entraves, tais como autorização e necessidade de recursos financeiros para deslocamento, que possam vir a ter para realizar atividades fora da escola (Sehn; Neuenfeldt, 2022, p. 57).

Por outro lado, o uso de tecnologias digitais pode contribuir de diversas maneiras para o ensino de práticas corporais de aventura. O estudo de Oliveira

et al. (2023) nos apresentou a possibilidade do uso do *OpenOrienteering* como ferramenta para auxiliar na produção de atividades de corrida de orientação.

As tecnologias digitais não só complementam a prática física, mas também expandem as possibilidades de aprendizado e de engajamento dos alunos. As tecnologias digitais podem ser inseridas no planejamento e na simulação, no ensino e no treinamento, na avaliação e no *feedback*, contribuindo para o engajamento e a motivação, bem como para a inclusão e a acessibilidade dos alunos. Além disso, também podem contribuir para os alunos aprenderem sobre as práticas corporais, a fim de incorporarem os conhecimentos conceituais e visualizarem diferentes práticas corporais de aventura.

POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES A PARTIR DO ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

As práticas corporais de aventura nos permitem ir além do que está pré-estabelecido pelos objetos de ensino da BNCC para o componente curricular Educação Física. Elas nos possibilitam dialogar com vários componentes curriculares, principalmente, por poderem ser realizadas em ambientes naturais, junto à natureza, como também em espaços urbanos. Ambos os espaços são carregados de significados, que permitem não apenas desenvolver práticas de aventura, mas também explorar pedagogicamente esses espaços com tudo aquilo que eles têm a oferecer, como, por exemplo, a Educação Ambiental, além de oportunizar situações de aprendizagem que possibilitam articular o planejamento escolar interdisciplinar. Quanto às possibilidades interdisciplinares, os estudos de Pessoa, Porretti e De Assis (2020) nos mostram caminhos para ressignificar conteúdos e processos de ensino e aprendizagem.

São algumas tentativas de diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Contudo, Carvalho (2012) menciona que, para organizar e planejar o trabalho interdisciplinar, os docentes precisam partilhar os desafios decorrentes da complexidade das questões ambientais, o que implica uma atitude de investigação atenta, curiosa e aberta à observação das diversas inter-relações e dimensões da realidade e estar disponível para trabalhar em equipe.

Ao proporcionar uma atividade fora do espaço escolar, contamos com diferentes ambientes, paisagens, relevos, formas de habitar e de conviver, aspectos com possibilidade de serem contextualizados e relacionados aos objetos de ensino e contemplar vários componentes curriculares, tensionando assim a pre-

missão de que os processos de ensino e aprendizagem devem ocorrer apenas dentro da sala de aula. De acordo com Neuenfeldt (2016, p. 69), “os processos educativos ocorrem, quase que exclusivamente, em espaços fechados. Conhecem-se as informações sem vivenciá-las, experimentá-las e sem inseri-las em um contexto”. A atual organização escolar ignora que também aprendemos com o corpo, corpo que sente e se movimenta. Nesse sentido, as práticas corporais de aventura podem possibilitar esses momentos de aprendizagem, para trabalharmos temas transversais como a Educação Ambiental.

Para Capra (2006), a educação deve ir além da aquisição de conhecimentos fragmentados, buscando promover uma compreensão sistêmica do mundo natural. Ele defende que a alfabetização ecológica pode ser integrada ao currículo escolar através de experiências diretas com a natureza, permitindo que os alunos façam conexões entre diferentes áreas do conhecimento, como biologia, ecologia, física, química, geografia e até mesmo com disciplinas como arte e literatura.

A BNCC tem como um de seus objetivos assegurar a prática interdisciplinar, conforme instrui a passagem abaixo:

Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem (Brasil, 2017, p. 12).

A BNCC sugere que os processos de ensino e aprendizagem ocorram cada vez mais de forma interdisciplinar e que os conhecimentos sejam compartilhados entre os componentes curriculares, aproximando-se da realidade dos alunos, dando importância ao contexto, para que aquilo que está sendo desenvolvido faça sentido, e os alunos poderem sentir-se protagonistas de suas aprendizagens.

Essa sugestão de planejamento escolar vem ao encontro do que Capra (2006) propõe ao mapear uma biorregião, na perspectiva de uma visão holística e sistêmica da vida e da natureza. Ele sugere que mapear uma biorregião pode ajudar as comunidades a compreenderem melhor o ambiente local e a interconectividade dos sistemas naturais.

Ao explorar espaços naturais, os alunos podem observar e estudar ecossistemas, ciclos naturais, biodiversidade e a interdependência dos seres vivos, desenvolvendo uma visão holística e sustentável do mundo. Essas experiências práticas podem ser complementadas com atividades em sala de aula, que pro-

movam a reflexão, a pesquisa e a criatividade, integrando as aprendizagens de forma interdisciplinar.

Ao propor práticas corporais de aventura num determinado espaço, também é possível explorar os aspectos geográficos deste ambiente, a topografia, o clima, a hidrografia, a vegetação, o solo, a demografia, o uso da terra, a infraestrutura, a economia, a qualidade de vida, os impactos ambientais, o planejamento, a sustentabilidade, enfim várias são as possibilidades de investigação, que podem criar conexão com todos os componentes curriculares. A inclusão de práticas corporais de aventura no currículo escolar, conforme previsto na legislação vigente, quando realizadas em ambientes externos, possibilita desenvolver ações e interações interdisciplinares, que propiciam a integração entre os componentes curriculares, que, em conjunto, oportunizam diversas atividades de exploração do momento vivencial, fora do contexto “sala de aula/pátio da escola”.

Capra (2006) ressalta a importância de entender e mapear uma biorregião como forma de promover a alfabetização ecológica. A biorregião é uma área geográfica definida por características naturais, como bacias hidrográficas, tipos de solo, clima e a distribuição de plantas e animais nativos. Compreender a biorregião ajuda as crianças a se conectarem com o ambiente local, reconhecendo a interdependência entre todos os seres vivos e os recursos naturais.

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E INCLUSÃO

Outro aspecto evidenciado nos artigos analisados diz respeito à preocupação com que essas práticas corporais sejam acessíveis a todos os alunos, assim como outras práticas corporais ensinadas na Educação Física. É importante destacar esse aspecto, pois a Educação Física Escolar hoje não mais aceita propostas de ensino que excluam alunos, seja por aptidão física, nível de habilidade motora, gênero, etnia ou qualquer outra característica que fira o direito da pessoa de ser quem ela é. Por isso, esses estudos tocam num ponto central, a necessidade de adequar as práticas corporais de aventura, espaços e equipamentos às necessidades dos alunos e não o contrário. Como já mencionado no início do capítulo, já reproduzimos modelos externos à escola (métodos ginásticos, esporte de rendimento), não podemos cometer esse equívoco novamente.

Por isso, estudos como o de Paula e Kochhann (2020), que possibilitou aos alunos com deficiência a vivência de uma prática de aventura a partir da

utilização de uma cama elástica, nos mostram que avançamos, que é possível proporcionar essa experiência corporal a todos os alunos. A adaptação dessas atividades ao ambiente escolar permite que os alunos desenvolvam habilidades motoras, cognitivas e emocionais, num contexto controlado, promovendo uma experiência educativa rica e diversificada.

Nesse sentido, entendemos que, apesar das dificuldades materiais, de formação e de espaço físico, é possível adaptar, desenvolver essa unidade temática com os alunos, construindo propostas com eles. No momento, a presença dessa unidade temática ainda angustia muitos professores; por isso, defendemos que eles precisam, sim, de formação, mas, acima de tudo, precisam entender que as práticas corporais de aventura se fazem presente na vida dos nossos alunos e, por essa razão, devem ser tematizadas, problematizadas e experimentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que as práticas corporais de aventura oferecem não só uma oportunidade rica e multifacetada para a Educação Física Escolar, mas também propiciam um ensino interdisciplinar e conectado com a realidade dos alunos. A exploração de espaços naturais e urbanos amplia as possibilidades de aprendizagem dos alunos, bem como pode fortalecer o laço afetivo dos alunos com os espaços em que vivem. Nesse sentido, as tecnologias digitais também podem contribuir.

É crucial que a implementação dessas práticas seja inclusiva, no sentido de respeitar as diversas necessidades dos alunos e garantir que todos possam participar e se beneficiar. Dessa forma, evitamos a reprodução de modelos excludentes do passado e promovemos uma Educação Física que valoriza a diversidade e reconhece as diferenças de cada aluno.

Além disso, sinalizamos a necessidade de alinhar o ensino das práticas corporais de aventura com os princípios da BNCC e com a visão sistêmica proposta por estudiosos como Capra, o que permitirá uma compreensão mais profunda e contextualizada do mundo natural e das interconexões entre diferentes áreas do conhecimento. Isso não é apenas enriquecer o currículo escolar, mas também preparar os alunos para se tornarem cidadãos conscientes e responsáveis com relação ao meio ambiente.

Como sugestão, frente às dificuldades identificadas, este estudo propõe que os educadores e gestores busquem soluções criativas para superar as limi-

tações mencionadas, como parcerias com entidades locais que proporcionem acesso a ambientes naturais, além de promover a formação continuada dos professores.

Por fim, ressaltamos que, ao planejar e implementar práticas corporais de aventura no ambiente escolar, os educadores têm a oportunidade de transformar os processos de ensino e de aprendizagem numa experiência dinâmica, interativa e engajadora, que ultrapassa os limites da sala de aula e que conecta os alunos diretamente com o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **A investigação qualitativa em educação**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso:16 jul. 2024.

CAPRA, F. Como a natureza sustenta a vida. In.: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Org.). **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 13-15.

FRANÇA, D. L. de; DOMINGUES, S; C. Possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar. **Motrivivência, [S. l.]**, v. 35, n. 66, p. 1–22, 2023. DOI: 10.5007/2175-8042.2023.e89906. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/89906>. Acesso em: 10 maio. 2024.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INÁCIO, H. L.de D.; SOUSA, C. C.; MACHADO, L. F. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia:

um estudo exploratório. **Motrivivência**, [S. l.], v. 32, n. 63, p. 1–16, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e76350. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76350> . Acesso em: 10 maio. 2024

LUZ, D. C.; OLIVEIRA, A. A. B. Orientação: um tesouro pedagógico das práticas corporais de aventura. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 227–231, 2021. DOI: 10.36453/cefe.2021.n3.27476. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27476> . Acesso em: 10 maio. 2024.

NUNES, E. S. P.; CAMARGO, M.; VENDRUSCOLO, R. A Orientação como proposta pedagógica nas aulas de Educação Física: um relato de experiência. **Motrivivência**, [S. l.], v. 34, n. 65, p. 1–15, 2022. DOI: 10.5007/2175-8042.2022.e82214. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/82214> . Acesso em: 10 maio. 2024.

OLIVEIRA, R. G. de A.; SANTO, A. C. do E.; MÓL, A. C. de A.; DUTRA, J. T. *Openorientering* como ferramenta na corrida de orientação nas aulas de educação física. **Revista Foco**, [S. l.], v. 16, n. 10, p. e3287, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n10-058. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3287> . Acesso em: 10 maio. 2024.

PAULA, M. V. G. de; KOCHHANN, A. Práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar e a inclusão da criança com deficiência. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 23, p. 1–17, 2020. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.23.2020.15118.209209225339.0513. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15118> . Acesso em: 10 maio. 2024.

PORRETTI, M. F.; PESSOA, F. A.; DE ASSIS, M. R. Montanhismo: um relato de experiência da interdisciplinaridade entre educação física e geografia. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 1, p. 61–67, 2020. DOI: 10.36453/2318-5104.2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23580> . Acesso em: 10 maio. 2024.

PORTELA, A. **Os Esportes de Aventura na Educação Física Escolar**: formação e atuação dos professores - Curitiba: CRV, 2020.

POSSAMAI, K.; LUZ, P. H. M. da; PEREIRA, R. S.; PRATES, I. V.; BRESCHILIARE, F. C. T. As práticas corporais de aventura nas aulas de educação física durante

o ensino remoto: planejando o movimentar-se com a prancha de equilíbrio.

Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 205–212, 2021. DOI: 10.36453/cefe.2021.n3.27630. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27630> . Acesso em: 10 maio_2024.

SANTIAGO, J. S.; LENHARDT, L.; SILVA, J. R.; PINTO F. M. O voo livre como conteúdo da educação física na educação infantil: Descobertas e desafios. *Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 110–120, 2020. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3320>.. Acesso em: 10 maio. 2024.

SANTOS, K. dos A.; ROSA, A. dos A. S. Práticas corporais de aventura: o arvorismo na Educação Física escolar. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 15, n. 37, p. e15874, 2023. DOI: 10.28998/2175-6600.2023v15n37pe15874. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/15874> . Acesso em: 10 maio. 2024.

SEHN, A. I.; NEUENFELDT, D. J. Práticas corporais de aventura na educação física escolar: o que os professores têm a dizer? **Revista Destaques Acadêmicos**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/3083> . Acesso em: 5 ago. 2024.

SENA, D. C. S. de; LEMOS, M. H. S. de. Parkour: propostas de aulas na educação física escolar. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 2, p. 159–169, 2020. DOI: 10.36453/2318-5104.2020.v18.n2.p159. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23641> . Acesso em: 10 maio. 2024.

SOARES, C. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa**. 4 ed. Campinas, SP: 2013.